

Só o investimento produtivo pode espantar a crise

Ary Aragão

Fátima Turci

SÃO PAULO — “O que vocês veem?” indagou um alto executivo numa retórica reunião na Wall Street abalada pelo crack da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, exibindo um pequeno pinga preto no centro de uma grande folha branca. “Um círculo negro”, respondem hoje, com a mesma visão pessimista daqueles empresários americanos, centenas de executivos brasileiros. “É uma mera questão de ótica: eu vejo um imenso espaço em branco a ser explorado”, contra-ataca Nelson Barrizzelli, economista, professor de marketing da Escola de Economia e Administração da USP (Universidade de São Paulo) e diretor geral do grupo Susa (joint-venture do grupo brasileiro Malzoni com o holandês Vendex), utilizando a mesma estratégia de balançar os ânimos do executivo de Wall Street.

“A crise é um bicho-papão. Ninguém conhece, mas todos temem. É preciso abandonar a sinistrose coletiva. O momento é de investir”, convoca Barrizzelli, tentando dar uma basta aos investimentos financeiros e especulativos ora em curso e reatar o ciclo investimento produtivo-emprego-consumo. Sem muita retórica, o diretor geral da Susa tem sacudido a platéia que no último ano assiste suas palestras. Com os mesmos gráficos levados, no ano passado, para convencer a direção da Vendex de que o Brasil é um país viável, Barrizzelli tenta tirar a venda dos olhos dos empresários brasileiros. Nessa missão tem encontrado discípulos e adeptos, como o professor da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da USP) Heron Esvael do Carmo e inúmeros líderes empresariais.

Duas Suíças — “Temos mais de 25 milhões de pessoas prontas a consumir que estão sendo desprezadas por miopia dos empresários, preocupados com a inflação e a sobrevivência de curto prazo”, afirma o executivo, exibindo uma pesquisa do grupo Susa. O Brasil tem hoje 11 milhões de pessoas com renda per capita de US\$ 15 mil por ano, ou seja, tem um mercado equivalente a duas Suíças. Com renda per capita igual à dos espanhóis — US\$ 4,6 mil por ano — existe o que corresponde a um terço da população da Espanha. Além desse topo de pirâmide, há um e desprovido de produtos, segundo Barrizzelli, há mais 113 milhões de brasileiros, que não estão na miséria absoluta e não devem ser excluídos do mercado de consumo. “As estatísticas oficiais, como do IBGE, só medem emprego real, es-

quecendo o sub-emprego e toda a economia informal, camuflando assim o enorme potencial de consumo brasileiro”, prossegue.

Exemplo claro da demanda contida são, segundo ele, os 250 mil aparelhos de videocassete contrabandeados antes do lançamento do produto no Brasil, movimento que em menor escala continua porque a indústria brasileira, segundo ele, está com sua produção estagnada há quase uma década e, pior ainda, tem produção inadequada ao consumo. De um lado, há um segmento da população que exige produtos sofisticados e, de outro, a imensa base reclamando produtos simples e baratos.

Na área agrícola, a situação é ainda mais grave, com aumento da produção extensiva e queda de produtividade. “Com um terço das terras agriculturáveis do mundo, as oportunidades do Brasil são incríveis”, exalta Barrizzelli. “A produtividade deve ser alcançada em algumas áreas com mecanização e em outras, como Norte e Nordeste, com fixação do homem no campo”, defende, lembrando que o pouco que se tem feito pela agricultura no país mostra uma flagrante diferença de comportamento entre os habitantes da cidade e do campo. Enquanto nos grandes centros só se fala em crise, no interior, impulsionado pela agricultura que permite a economia informal, o Brasil cresce.

Dois Brasis — É esse Brasil real, com 25 milhões de consumidores a mais que em 1980 e o dobro do volume anual de exportações (US\$ 12 bilhões naquele ano contra US\$ 24 bilhões este ano), que Barrizzelli tenta descortinar aos empresários, os quais insistem em ver apenas o Brasil do governo José Sarney. Essa ótica tem encolhido os investimentos, estagnado a capacidade instalada e provocado a obsolescência do parque industrial. O Banco Central registra que o fluxo líquido de investimentos das empresas multinacionais versus a depreciação de capital tem sido negativo desde 1979. “Portanto, a crise brasileira começou três anos antes do que se apregoa”, analisa. “Como num país fechado como o Brasil a única forma de adquirir tecnologia é via investimentos estrangeiros, estamos 10 anos atrasados”, conclui.

Agora, porém, em sua opinião, o momento é propício para reagir. As oportunidades estão na mesa: existe mercado e os custos da economia nunca foram tão baixos como hoje. Cabe ao empresário sair de retórica e assumir seu papel, defende o executivo de 46 anos,



Barrizzelli: “É preciso abandonar a sinistrose”

sem temor de pedras em sua vidraça, já que o grupo Susa investiu US\$ 150 milhões nos últimos dois anos. “O empresário não se livrou da tutela do Estado. Mas esperar que o governo resolva nossos problemas é uma falácia porque ele é ineficiente para gerir a si próprio”, prossegue, indo mais além: “Só não estamos melhores em função dos governos que tivemos.”

Mesmo com a poupança do setor público negativa, no último período, os investimentos continuaram. “Não há mágica. Investir sem poupança significa endividamento ou emissão de dinheiro”, ensina Barrizzelli. Apesar da inflação que o governo gera sobre a economia, o país cresce. “O Brasil vai bem. O governo é

que vai mal. Ele tem que mudar sua postura, se redimensionar, assumir o papel de regulador e não de interventor, atacar o déficit, para sua própria sobrevivência”, relaciona, parafraseando a brincadeira do ex-presidente da Itália, Sandro Pertini, a respeito de seu próprio país: “Governar o Brasil não é difícil. É inútil”. Na verdade, a história tem demonstrado que quanto mais forte o Estado, mais informal é a nação, recorda Barrizzelli.

E o Brasil está caminhando graças à informalização da economia, traduzindo que, apesar do apetite voraz do Estado, a arrecadação vem caindo em termos reais em função da fuga de dinheiro para a economia formal.

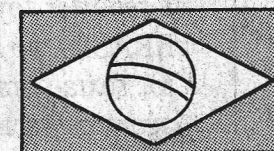
A economia brasileira no contexto mundial



PNB mundial = US\$ 14,5 trilhões



PNB 4 blocos =
US\$
13,0 trilhões

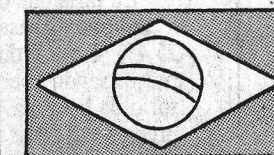


PNB Brasil = US\$ 310 bilhões
ou 20% do PNB
não alinhado

Comércio Externo



26,7% do PNB



14,8% do PNB

Economia Fechada



Política
industrial e
tarifária

Política
de absorção
de capitais
externos
de risco

Política
cambial

Capital nacional % PIB

	1965-74	1977-81	1982-87
Investimento	19%	22,4%	17,8%
Público	4%	3,2%	2,4%
Privado	15%	19,2%	15,4%
Poupança pública	5,6%	2,7%	-4,4%

Capital externo US\$

	1973	1979	1987
Investimento estrangeiro	2,2 bilhões	2,4 bilhões	zero
Remessa de lucros	400 milhões	1,0 bilhão	1,3 b

Fonte: FGV/BC